

GASTÃO, ANA MARQUES; DAVID, SÉRGIO NAZAR (2018).

https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-5_15

O olho e a mão

Rio de Janeiro: 7 Letras, 84 p.

A uma primeira aproximação, *O olho e a mão* de Ana Marques Gastão e de Sérgio Nazar David deixa o seu leitor absolutamente intrigado: trata-se do olho que vê o quadro e da mão que o pinta? Ao folhear as suas páginas apercebemo-nos, porém, da presença de vários poemas que nos deixam ainda mais intrigados e a questão anteriormente colocada altera-se: tratar-se-á, afinal, do olho que vê o quadro e que lê o texto e da mão que tanto o escreve, como cria a obra plástica? Estas respostas só são conseguidas através da leitura do livro. E este é o primeiro apelo lançado ao leitor.

Na verdade, este livro interseta dois filões, poesia e pintura, conjugando assim as duas artes numa só obra. Encontra-se dividido em dezasseis secções, cada uma delas assinalada no índice pelo título de uma obra plástica e um parênteses que revela o seu autor. Em causa, está sempre um/a artista consagrado/a do século XIX ou do século XX, desde Anita Malfatti até Columbano, Paula Rego, Pablo Picasso, Egon Schiele e outros. Cada uma dessas secções é composta por um quadro e por dois poemas, dotados de um título, um de Sérgio Nazar David e outro de Ana Marques Gastão, numa ordem que se vai alternando. Deste modelo organizativo resulta o lugar de destaque que cabe à pintura: além de a única informação apresentada no índice ser o título e o autor do quadro, cada secção inicia-se com o título da obra, o/a seu/sua autor/a e as datas de morte e nascimento. É depois disso que surgem, primeiro, o quadro e depois os dois poemas.

O assunto dos dois textos está sempre ligado à obra plástica. Por vezes esta ligação é facilmente perceptível: percebemos nos poemas a ligação direta com o quadro, como é o caso, por exemplo, de *Retrato de Antero de Quental* (1889), de Columbano, e o poema *Desesperança*, de Sérgio Nazar David (pp. 19-21). Sem

observar a expressão marcante de Antero de Quental, não podemos compreender as palavras do poeta quando afirma “Vê-se que atendeu de pronto ao chamado/ da dor e da dúvida.” (p. 21). O mesmo acontece com *Rins que escuta*, de Ana Marques Gastão, que acompanha o quadro *Sitzender Mannerakt* (1910), de Egon Schiele (pp. 73-75). Para verdadeiramente acompanhar o poema, o leitor tem que estar atento ao quadro e aos seus elementos para poder entender o que a poeta quer dizer com “Não se te vê a cauda de sátiro, nem o corpo de cavalo;/as pernas desenham, sem pés, da grinalda um círculo [...]” (p. 75).

Em outros casos esta ligação não é tão perceptível. Acompanhando o quadro de Paula Rego, *Snow white swallows the poisoned apple* (1995), temos primeiramente o poema *Branca de neve* de Ana Marques Gastão (pp. 27-29). A ligação podemos encontrá-la no título das duas obras: *Snow white* e a sua tradução portuguesa *Branca de neve*. Mas se analisarmos o poema isoladamente, dificilmente percebemos a correspondência entre ambos. O mesmo acontece com *O que ela engole*, de Sérgio Nazar David, que acompanha o mesmo quadro. Este texto não fornece elementos que remetam para a obra plástica até chegarmos ao final, onde o poeta escreve “*She swallows the poisoned apple*”, o que nos redireciona, mais uma vez, para a questão do título.

Numa primeira abordagem, esta questão pode parecer de pouca importância ou podemos não compreender qual a relevância do título na relação com o quadro. Se olharmos para o exemplo que acabámos de analisar, *Snow white swallows the poisoned apple* e os dois poemas, percebemos que o título é um elemento fundamental para o estabelecimento da ligação entre o quadro e os poemas, principalmente quando o texto poético em si não oferece pistas suficientes para identificarmos, sem mais, essa associação.

Vem a propósito deste diálogo a máxima de Simónides de Ceos, *Muta poesis eloquens pictura*, a pintura é poesia muda, tal como a poesia é pintura eloquente. De entre as tantas abordagens desta relação entre literatura e pintura, a de Simónides é uma das que melhor poderá sintetizar as ligações criadas ao longo das páginas desta obra. Através da observação dos quadros, juntamente com os poemas que lhes estão associados, percebemos essa dinâmica. É a poesia que dá voz às pinturas inseridas na obra, visto que estas por si só não conseguem falar e precisam do texto literário para tal. Da mesma feita, cada poema fala como uma pintura.

A relação entre o olho e a mão, entre a literatura e a pintura, coloca uma nova questão: este livro, contendo elementos dos dois domínios, pertence ao campo da literatura ou da pintura? Uma resposta satisfatória nunca será unívoca ou, reformulando, podemos afirmar que pertence a ambos. Pertencendo a ambos, esta obra encaixa-se na intermedialidade entre as duas modalidades artísticas.

A intermedialidade é um conceito razoavelmente recente que, segundo Clüver, aborda a comunicação estabelecida entre duas ou mais médias e as obras que nascem deste diálogo. As duas médias que estão aqui em contacto são a literatura, em forma de poesia, e a pintura. *O olho e a mão* nasce deste diálogo e mostra até onde pode ir a comunicação entre as duas artes.

Não obstante, as questões que o livro levanta não se ficam por aqui. Ainda dentro da intermedialidade há que nos interrogarmos sobre a forma do diálogo entre as duas artes. Esta é também uma questão que coloca Maria Lucia Dal Farra no texto da badana, ao apresentar o livro ao leitor: “É da antiga linhagem da *ekphrasis* que se trata?”. A *ekphrasis* é uma modalidade retórica comum aos Estudos Interartes e é o conceito criado para a descrição de uma determinada obra de arte. No entanto, existem várias formas de *ekphrasis* que precisamos de ter em consideração antes de ponderarmos a resposta a esta pergunta.

Se retomarmos *O olho e a mão*, percebemos que a resposta à questão de Maria Lucia Dal Farra deverá ser positiva. Das três modalidades de *ekphrasis*, mimética, nocional e poética, é a última que está em causa. A maior parte dos poemas são criados a partir do quadro e através da sua leitura observamos a obra plástica com um olhar diferente graças à informação que retiramos do texto.

Uma última peculiaridade que mostra o dinamismo desta obra é a liberdade que o leitor tem para escolher por onde quer começar a sua leitura. Baseado no seu gosto pessoal, curiosidade artística ou qualquer outro critério, o leitor tem a possibilidade de escolher por que quadro começar e que poemas ler primeiro, podendo saltar as obras que num primeiro tempo não atraem a sua atenção.

Assim, o livro de Ana Marques Gastão e de Sérgio Nazar David é um excelente exemplo de como as ligações entre duas modalidades artísticas, neste caso

literatura e pintura, podem ser criadas e estabelecidas. *O olho e a mão* apresenta-se como exemplo da riqueza de uma temática tão multifacetada e complexa como os Estudos Interartes.

SOFIA MOREIRA

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

uc2014209758@student.uc.pt